

## SOCIEDADE DE EDUCAÇÃO CRISTÃ E A EDUCAÇÃO RURAL EM PELOTAS-RS

MAGDA DE ABREU VICENTE<sup>1</sup>; GIANA LANGE DO AMARAL<sup>2</sup>

<sup>1</sup>UFPEL-FAE-PPGE1 – magdabreu@gmail.com

<sup>2</sup>UFPEL-FAE-PPGE – gianalangedoamaral@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho se insere no campo da História da Educação, particularmente no âmbito da educação rural em Pelotas-RS e faz parte de pesquisa de doutoramento junto ao PPGE da UFPel. Sendo assim, o presente estudo visa analisar a Sociedade de Educação Cristã, que foi criada nessa cidade em 1930 e que manteve duas instituições educativas ligadas à educação rural: o Colégio Primário Rural Santo Antônio e a Escola de Normalistas Rurais Imaculada Conceição bem como o internato denominado “A Minha Casa Rural”.

Nas primeiras décadas da república brasileira acentua-se a preocupação com a formação educacional no campo e para o campo no Brasil. Há no discurso republicano a ênfase na importância da instituição de modelos educacionais progressistas que não vinham sendo contemplados pelo governo imperial. Como afirma Nascimento (2004, p. 56) “a propaganda republicana produziu a imagem de um século XIX no Brasil como a de um verdadeiro deserto pedagógico e social” no qual inexistiam ideias ou práticas modernizantes e progressistas.

No início do período republicano este discurso se aprofunda em meio a um cenário de crescimento urbano onde a atuação de trabalhadores se voltava para as fábricas. Os representantes das oligarquias e setores da agricultura preocupam-se com a formação para o trabalho no campo, principalmente no que se refere ao trabalhador braçal tendo como base as ideias dos Ruralistas Pedagógicos. Dentre eles se destacaram Sud Mennucci e Alberto Torres.

Speyer (1993) definiu o Ruralismo Pedagógico como um movimento que teve a finalidade de “ruralizar o ensino primário”, fazendo com que esse se transformasse em instrumento de fixação do homem no campo, na busca de esvaziar as correntes migratórias. Szemrechányi & Queda (1979) definem o Ruralismo Pedagógico como

um movimento de ideia que teve por precursores alguns pensadores sociais do começo do século como Sílvio Romero e Alberto Torres, e que foi mais tarde aprofundado e difundido por uma série de educadores, notadamente Sud Mennucci e Joaquim Moreira de Souza. Os expoentes desse movimento pretendiam *ruralizar o ensino primário*, transformando-o num instrumento de fixação do homem ao campo e de amortização do impacto causado pelos movimentos migratórios, através da modernização da vida econômica e social do meio rural (SZMRECSÁNYI & QUEDA, 1979, p. 223).

Com a instalação do Estado Novo, em 1937, o projeto de “Nacionalização da Educação” foi defendido pelo Secretário de Educação J. P. Coelho de Souza (1937- 45) com intuito de instigar “a renovação que havia de marcar a nova etapa de educação no RS, com início em 1937, que constituiu um esforço desassombrado e vigoroso, que motivou a maior e exemplar experiência educacional no Estado”. (BASTOS, 2002, p. 46 e 47). Assinala-se que a

Sociedade de Educação Cristã, já mantinha em Pelotas, desde 1932, a Escola Primária Rural Santo Antônio, que posteriormente receberá subvenção estadual para sua manutenção. Quando Coelho de Souza assume a Secretaria de Educação, de 1937 até 1945, há o que Quadros (2006) considera uma profissionalização da Educação no estado onde se insere os propósitos para instalações de escolas de formação de professores rurais, como de fato ocorreu com a Escola de Normalistas Rurais Imaculada Conceição, que aqui se instalou em 1955.

Tem-se nesse momento, no estado do Rio Grande do Sul uma nova forma de atuar e de governar os rurais. Houve uma nova orientação para educação rural, que foi intensificada na década de 1950, e que “permite observar que o investimento na formação dos professores rurais foi intenso, talvez esta tenha sido uma das mais importantes tecnologias de governo sobre os escolares neste período” (2003, p. 100). Essa intensificação de formação foi realizada através “de manuais didáticos, periódicos como a Revista de Ensino, de pareceres, regulamentações e outros dispositivos pedagógicos, como por exemplo, as práticas de planejamento” (técnica de Aprender a fazer fazendo) (WESCHENFELDER, 2003, p. 101). Questões estas que foram pertinentes para a orientação ideológica e atuação da Sociedade de Educação Cristã em Pelotas-RS

Com base nesses pressupostos, busca-se com este estudo enfatizar as práticas educacionais que se efetivaram em Pelotas a partir da instalação das instituições rurais mantidas pela Sociedade de Educação Cristã, tendo por base aspectos da educação primária rural apregoada pelo estado e municipalidade. Assim, os principais autores que embasam este trabalho são: WERLE (2008), BASTOS (2002), CALAZANS (1993), OLIVEIRA (2003) e MENDONÇA (1997; 2007), TAMBARA (2005) E AMARAL (2003) dentre outros que versam sobre a Educação Rural, Igreja Católica e Instituições Escolares.

## 2. METODOLOGIA

Nessa pesquisa utiliza-se do periódico Boletim de Educação Rural publicado pela Secretaria Estadual de Educação do RS (1950), os jornais pelotenses *Diário Popular* e *Opinião Pública*, o jornal católico *A Palavra* e documentos da Sociedade de Educação Cristã, como Relatórios, Atas, Regimentos e fotografias escolares além dos Relatórios Intendenciais bem como entrevistas orais.

A História Oral propicia descobertas de documentos que não são oficiais e podem estar “escondidos” no espaço privado, nas casas de pessoas que vivenciaram este período. Para Thompson (2006, p. 26) “a realidade é complexa e multifacetada; e um mérito principal da História Oral é que, em muito maior amplitude do que a maioria das fontes permite que se recrie a multiplicidade original de pontos de vista”. A opção por inserir essa fonte advém da vontade de buscar atores que viveram em instituições rurais e dar voz às suas histórias, às suas vivências. Thompson (2006) entende que a História Oral “tem um compromisso radical em favor da mensagem social da história como um todo” (THOMPSON, 2006, p. 26).

É importante ressaltar que, nas pesquisas históricas, os documentos impressos possuem características gerais e diferem conforme sua destinação. São eles jornais, revistas, almanaque, atas, relatórios, obras literárias dentre outros que desde a chamada História dos Anais, com evidência nas relações cotidianas e mesmo nas relações de poder, passam a ser valorizadas de forma distinta, pois outro valor foi dado para a análise deste tipo de fonte.

O uso dos periódicos tem sido fundamental nessa pesquisa, pois como afirma Luca (2005, p. 132) “a grande variação na aparência, imediatamente apreensível pelo olhar diacrônico, resulta da interação entre métodos de impressão disponíveis num dado momento e o lugar social ocupado pelos periódicos”. Conforme Bastos (2002) os periódicos costumam delinear ações e condutas assim como são fontes de pesquisa que costumam direcionar ideológica e culturalmente as práticas e opiniões:

Nessa perspectiva [refere-se à imprensa como um lugar estratégico do discurso], a imprensa cria um espaço público através do seu discurso – social e simbólico – agindo como mediador cultural e ideológico privilegiando entre o público e o privado, fixa sentidos, organiza relações disciplina conflitos. Como um discurso carregado de intenções, constitui verdades, ao incorporar e promover práticas que legitimam e privilegiam alguns conhecimentos em detrimento de outros, produz e divulga saberes (grifo da autora) que homogeneízam, modelam e disciplinam seu público leitor. (BASTOS, 2002, p. 152).

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Até o presente momento foram analisadas parte da documentação da Sociedade de Educação Cristã e realizadas entrevistas orais com membros da comunidade escolar que por essa Sociedade foi mantida. Tem-se como resultado prévio o destaque da atuação nessa instituição de Maria Rachel Ribeiro de Mello que esteve na sua direção desde a fundação da Sociedade em 1930, até a sua morte, em 1966. Essa professora se destacou ao dedicar boa parte de sua vida para a manutenção dessa Sociedade angariando fundos com a sociedade pelotense, com políticos influentes, com governo municipal, estadual e federal para a continuidade desta obra. Também é importante ressaltar que todas essas instituições funcionaram em um único local e que existiu de fato um envolvimento da comunidade ali atendida com práticas Cristãs Católicas voltadas para o trabalho rural, principalmente por que eram escolas destinadas a comunidades carentes.

### 4. CONCLUSÕES

No Brasil, nesse período, percebe-se a preocupação de que fossem concretizadas as expectativas de um projeto de nacionalização e de contenção do êxodo rural com base nos pressupostos dos denominados Ruralistas Pedagógicos, que acreditavam que a saída para os problemas do Brasil se daria via educação dos rurícolas. Nesse sentido, no município de Pelotas, constata-se que esses discursos se aplicaram na prática através das instituições mantidas pela Sociedade de Educação Cristã, cuja principal articuladora foi a professora Maria Rachel Ribeiro de Mello, conforme já salientado. Poucos são os estudos que buscam elucidar práticas e representações de instituições rurais em Pelotas. Sendo assim, essa pesquisa visa entender sobre tais representações na história da educação pelotense, elucidando aspectos que possam ajudar a pensar políticas para educação rural na atualidade.

### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livro

MENDONÇA, Sônia Regina de. **O Ruralismo Brasileiro (1888-1931).** Ed. Hucitec. São Paulo, 1997.

\_\_\_\_\_. **Estado e Educação Rural no Brasil: Alguns Escritos.** Niterói: Rio de Janeiro, FAPERJ, 2007.

OLIVEIRA, Milton Ramon Pires de. **Formar cidadãos úteis: Os patronatos agrícolas e a infância pobre na Primeira República.** Bragança Paulista, 2003.

SPEYER, Anne Marie. **Educação e Campesinato:** uma educação para o homem do meio rural. Edições Loyola, São Paulo: 1983.

TAMBARA, Elomar. **Positivismo e Educação. A educação no Rio Grande do Sul sob o castilhismo.** Pelotas: Ed. da UFPel, 1995.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado. História Oral.** Tradução de: Lólio Lourenço de Oliveira. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

#### Capítulo de livro

BASTOS, Maria Helena Câmara. Espelho de papel: A imprensa e a história da educação. In: JUNIOR, D.G. & JOSE, C.S.A.(orgs.) **Novos temas em História da Educação Brasileira.** Campinas: São Paulo. Ed. Autores Associados. 2002.

CALAZANS, Maria Julieta Costa. Para compreender a educação do estado no meio rural – traços de uma trajetória. In: TERRIEN, Jacques. **Educação e escola no campo.** Campinas: Papirus, 1993.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKI, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas.** São Paulo: Contexto, 2005. p. 111 até 153.

SZMRECSÁNYI, Tamás & QUEDA, Oriowaldo. O papel da educação escolar e da assistência técnica. In: SZMRECSÁNYI, Tamás & QUEDA, Oriowaldo. **Vida rural e mudança social.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979. p. 216 a 233.

#### Artigo

WERLE, Flávia Obino Corrêa. **Educação Rural: Impresso Oficial para o fortalecimento da Escola Pública Rural.** In: V Congresso Brasileiro de História da Educação. O Ensino e a Pesquisa em História da Educação. São Cristóvão. Universidade Federal de Sergipe. 9 a 12 de novembro de 2008. Aracajú-SE.

#### Tese/Dissertação/Monografia

AMARAL, Giana Lange do. **Gatos Pelados x Galinhas Gordas: desdobramentos da educação laica e da educação católica na cidade de Pelotas. (Décadas de 1930 a 1960).** Tese (Programa de Pós Graduação em Educação). UFRGS. Porto Alegre, 2003. 338f.

QUADROS, Claudemir de. **A educação pública no RS durante o governo de Leonel Brizola (1959-1963): nenhuma criança sem escola no Rio Grande do Sul.** 316f. Dissertação. (Educação). Universidade de Passo Fundo. 1999.

\_\_\_\_\_. **Reforma, ciência e profissionalização da educação: o centro de pesquisa e orientação educacional no RS.** Tese defendida na UFRGS em 2006.

WESCHENFELDER, Noeli Valentina. **Uma história de governamento e de verdades. Educação rural no RS (1950-1970).** Tese (doutoramento). Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Programa de pós graduação em Educação. Porto Alegre, 2003. 208f.